



Retrato de Manuel Raimundo Querino.  
C. 1915-1920.

## DE QUERINO A ARAUJO: TESTEMUNHO E RESGATE DO ARTISTA NEGRO NA HISTORIOGRAFIA DA ARTE BRASILEIRA

Ao longo dos séculos a escamoteada presença de artistas negros na historiografia da arte no Brasil acabou por consolidar idéias equivocadas a respeito desses artistas por grande parte da sociedade brasileira, que imersa num lamentável estado de alienação cultural, em pleno século XXI, ainda os generaliza como populares e primitivos acreditando que o conteúdo temático presente em suas obras está sempre atrelado à estética religiosa africana, não as inserindo nem as identificando dentro das atuais tendências e fenômenos artísticos da contemporaneidade, desconhecendo em sua maioria, a identidade e a produção artística desses artistas negros.

O volume da produção artística e intelectual na sociedade brasileira, não guarda qualquer proporção com os segmentos que a compõem. A importância da contribuição histórica, política, social, econômica e especialmente cultural dos diversos grupos étnicos é sufocada pelos padrões

estéticos determinados pela ideologia dominante. (ALVES, 1993, s.p.).

Durante os séculos XVII e XVIII apesar da relevante presença de artistas negros nas artes plásticas no Brasil, as informações sobre a identidade dos mesmos artistas no período colonial eram muito escassas. O pouco que se sabe deve-se em grande parte ao acervo e livros de registros das Ordens Religiosas para as quais eles trabalhavam. Foi apenas no final do século XVIII e início do XIX, que um expressivo número de negros e mestiços começaram a ser admirados devido a sua habilitação artesanal. Até então, devido ao preconceito da classe dominante do período colonial, pouco se sabia sobre eles, apesar, da maior parte das produções artísticas da época serem oriundas de suas mãos, como ressalta Leite (1998):

Ainda em começos do Séc. XIX Henry Koster, norte-americano residente em Pernambuco, chamava-os de “obreiros de todas as artes”, e o mesmo pratica-



mente deles disseram quase todos os viajantes estrangeiros que pela mesma época passaram pelo Brasil, admirados com a quantidade de ourives, entalhadores, imaginários, escultores, carpinteiros, marceneiros, pintores decoradores e outros artistas ou artífices negros ou pardos que aqui encontraram, e com a alta qualidade do que produziam. (LEITE, 1998, p. 14).

Contudo, no século XIX, persistia a discriminação a esses artistas por parte da elite da época, e a imposição de padrões pelas academias de arte, comprometia a participação e identificação dos artistas negros no cenário artístico brasileiro do período. Época de grandes transformações sociais como o fim do tráfico escravo em 1857, a Abolição em 1888 e a República em 1889, o século XIX também ficou marcado por uma danosa política de “embranquecimento” que ao reconhecer o talento de um negro ou de seu descendente, imediatamente passava a “branquear” sua imagem, uma imposição social que perdurou até os anos iniciais do século XX quando clubes de futebol aspergiavam pó de arroz em craques negros porque o time só admitia brancos. (WEFFORT, 2002, p.11). Referindo-se a essa ascensão da mulataria no século XIX, Mário de Andrade, em 1935 disse: “Mas a prova mais importante de que havia um surto coletivo de racialidade brasileira está na imposição do mulato”. (1935, p.11). Tornaram-se sobejamente conhecidos artistas plásticos mulatos como o mineiro Aleijadinho e o carioca Mestre Valentim. Passaram a fazer parte também da historiografia da arte brasileira pelo mesmo motivo o mineiro Manoel da Costa Ataíde, o paulista Benedito José Tobias, e os cariocas Leandro Joaquim, Caldas Barbosa, Estevão Silva, Antônio Firmino Monteiro, Pinto Bandeira, João Timóteo da Costa, e seu irmão Artur Timóteo da Costa. Na Bahia, destacaram-se Chagas, o Cabra, Manuel Inácio da Costa, José Teófilo de Jesus, Antonio Joaquim Francisco Velasco, e Emmanoel Zamor.

Foi somente no final do século XIX, que começou a aflorar no Brasil uma certa consciência sobre a questão do artista negro. Os *Estudos sobre a poesia popular do Brasil* de Sílvio Romero, em 1888, e o *Animismo fetichista* de Nina Rodrigues em 1896 foram algumas das importantes publicações do final desse século sobre a relevante influência da cultura negra na construção da sociedade brasileira.

A partir do século XX, um número mais expressivo de biografias e de publicações mais abrangentes sobre os artistas de cor se evidenciou. Graças aos estudos de Nina Rodrigues surgiram no início do século os primeiros exemplares de arte afro-brasileira, e em agosto de 1904 ele publicou na revista *Kosmos* o artigo *As Bellas Artes nos Colonos Pretos do Brazil. A Esculptura*.

Mas na escultura é que, com mais segurança e apuro, se revela a capacidade artística dos negros. O seu cultivo e apreço, entre os escravos que vieram colonizar o Brasil, tanto se comprovam em presunções indutivas como no testemunho de factos e documentos. (RODRIGUES, 1904, p.12).

Entretanto, o aparecimento dos artistas plásticos negros na historiografia da arte brasileira, deve-se em grande parte aos estudos e esforços de Manoel Raymundo Querino (FIG. 01), que iniciou na Bahia às primeiras publicações contendo dados históricos e biográficos de artistas negros e de suas obras. No início do século XX, pioneiramente publicou duas das mais importantes obras bibliográficas acerca do negro e da arte na Bahia: *Artistas Bahianos: indicações biographicas*, em 1909, e *As Artes na Bahia: esboço de uma contribuição histórica*, em 1913. Em 1916, ele apresentou a comunicação *A raça africana e seus costumes na Bahia*, no V Congresso Brasileiro de Geografia em Salvador, onde descreveu o modo de viver dos negros na Bahia. Em 1918 Querino publicou *O colono preto como factor de civilização brasileira*, escrevendo também significativos artigos como *Candomblé de Caboclo e Homens de Cor Preta na História*, ambos na

*Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.* Nos últimos anos de vida, Manoel Querino escreveu *A Bahia de Outrora: milites e factos populares*, *A Arte Culinária na Bahia*, e *O Africano como Colonizador*.

Apesar de anos mais tarde alguns historiadores passarem a criticá-lo de forma assaz, acusando-o de não possuir preparo científico, de utilizar parcialmente dados de um manuscrito da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sem fazer referência a esta fonte, e de apresentar em seus livros alguns dados e informações imprecisas, a verdade é que a produção intelectual de Querino foi precursora e de fundamental relevância na historiografia da arte brasileira, pois como salientou Valladares "[...] tornou-se a obra de Manoel Raymundo Querino a fonte mais recorrida para a identificação e registro biográfico de artistas e artífices". (*apud* FLEXOR, p. 336). As incorreções existentes em sua obra são no mínimo presumíveis haja vista as dificuldades de acesso às informações no final do século XIX e início do XX, pelo preconceito racial haja vista que ele era negro e por ser o primeiro a se empenhar nesse tipo de levantamento biográfico. Contudo, ao identificar e registrar dados biográficos sobre os artistas negros e suas obras propiciou às futuras gerações um significativo e indispensável material de pesquisa acerca de um assunto tão parcamente ventilado na historiografia da arte baiana, como afirmou Freire:

A identidade dos artistas é conhecimento difícil de se obter na Bahia, [...] podemos mesmo dizer que a História da Arte Baiana começou com uma biografia dos artistas feita por Manuel Querino nos mesmos moldes de Giorgio Vasari, pois, como ele, obteve dados através da memória oral colectiva; registrou sua vivência, o lendário, e um pouco da história das instituições artístico-pedagógicas; periodizou em fases a história da arte baiana e estabeleceu os vínculos entre os artistas, identificando as relações mestres-discípulos, que ajudaram a construir o conceito de "Escola Baiana de Pintura". (FREIRE, 2000, p.147).

A produção bibliográfica de Querino culminou com a movimentação cultural ocorrida na década de 1920 que pregava a volta às origens, impulsionada pela Semana de Arte Moderna em 1922, o que desencadeou um interesse mais acentuado sobre as etnias no Brasil.

Devido os desdobramentos da década anterior, na década de 1930 deu-se início a retomada pelos estudos africanistas. Segundo Kabengele Mununga, (2000, p.105), foi a partir dessa década que a arte afro-brasileira até então reduzida ao espaço das casas de culto, começa a aparecer: "Seus artistas abandonam o anonimato e alguns deles começam a trabalhar dentro do conceito das chamadas artes popular e primitiva, encorajados pelo movimento modernista e pela busca do nacionalismo". Acontece nesse período, a realização do 1º Congresso Afro-Brasileiro, em 1934, no Recife, e em 1937, na Bahia.

Vem dessa época o interesse pelos estudos no campo do folclore, em que se destacam, entre outros, as pesquisas do Departamento de Cultura de Mário de Andrade. Ganham interesse nessa perspectiva, objetos apreendidos desde 1910, em Alagoas, pela polícia da época em repressão aos cultos afro-brasileiros de Recife, Salvador e Rio do Janeiro, muitos dos quais são hoje considerados arte. (AGUILAR, 2000, p.113).

Essa efervescência da arte negra ocorrida nas décadas de 30 e 40, segundo Cunha (1983), foi o fator determinante para o aparecimento dos artistas negros do período:

São, portanto esses estímulos científicos e culturais que servem de pano de fundo histórico-social, permitindo o reaparecimento de artistas e temas negros nas artes plásticas a partir das décadas de 30 e sobretudo 40. (In: ZANINI, 1983, p.1023).

Nessas décadas, enquanto o movimento dos negros civis nos Estados Unidos ajudava os artistas negros americanos a estabelecerem suas identidades artísticas e a encontrarem os estilos adequados para expressá-las (JANSON, 1996), no Brasil surgiam publicações acerca dos artistas negros que viveram no sécu-



lo XIX e que muito contribuíram na arte brasileira, dentre elas: *Mestre Valentim e outros estudos* de Aníbal Matos, em 1934; *Aleijadinho e Álvares de Azevedo*, de Mário de Andrade, em 1935; *Artistas Pintores no Brasil*, de Theodoro Braga, em 1942; *Os Três Chafarizes do Mestre Valentim* em 1943 e *Antônio Francisco Lisboa* em 1945, ambas do autor José Mariano Filho. Na Bahia, um discurso de louvor ao contributo africano e a cultura baiana era promovido por vanguardistas intelectuais como Jorge Amado, Édison Carneiro e Artur Ramos. Segundo Bachelar (1996, p.73-86), foi nesse período que pela primeira vez se abordou na capital da Bahia através da Frente Negra um assunto desprezado pela sociedade local, a situação racial. É nesta época que nomes como Carlos Chiacchio, Marieta Alves, Germain Bazin, Robert Smith, D. Clemente da Silva Nigra, Valentin Calderon, Carlos Ott, José do Prado Valladares e seu irmão Clarival do Prado Valladares surgiram contribuindo na história da arte baiana e nacional. Dentre as muitas publicações desta época destaca-se *O Negro na Bahia*, de Luiz Viana Filho com o prefácio de Gilberto Freyre, em 1946, a transcrição do manuscrito da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro intitulado como *Noções sobre a procedência d'arte da pintura na Província da Bahia*, publicado na *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* em 1947, e no mesmo ano, *A Pintura na Bahia, 1549-1850*, ambos trabalhos de Carlos Ott.

Nas décadas de 50 e 60 o Brasil vivia um fomento artístico resultante do movimento regionalista encabeçado por Gilberto Freyre e Arthur Ramos. Um número maior de artistas plásticos negros passaram a fazer parte dos catálogos de museus e de coleções particulares, juntamente a uma maior quantidade de historiadores, etnólogos, antropólogos, literatos e pesquisadores dedicados a abordar o assunto. São desta época a Revista nº 15 da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional que publicou *Antônio Francisco Lisboa*, a obra *O Aleijadinho*, em 1951, e a publicação *As artes plásticas no Brasil* de Rodrigo Franco Andrade, em 1952. Em 1966, o Departamento Cultural e de

Informações do Ministério das Relações Exteriores lançou *Quem é quem, nas artes e nas letras no Brasil*. Na Bahia, Marieta Alves publicou em 1967, *História das Artes na Cidade do Salvador*, e em 1963, o Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO), publicou a monografia de Clarival do Prado Valladares sobre o artista plástico negro Agnaldo dos Santos, *Origin? Revelation and death of primitive scultor*. Em 1968, Clarival publicou outra significativa obra: *Negro Brasileiro nas Artes Plásticas*. No final da década, Roberto Pontual publicou no Rio de Janeiro o livro *Dicionário das Artes Plásticas do Brasil*, citando os artistas negros e suas obras. Nomes como Agnaldo Manuel dos Santos, Guma, José de Dorne, Hélio de Oliveira, Louco, Heitor dos Prazeres, Ronaldo Rego, Hélio Oliveira, Octávio Araújo, Rubem Valentim, Mestre Didi, Yeda Maria, Juarez Paráiso, Emanuel Araújo, dentre outros, passaram a ser reconhecidos e valorizados no cenário das artes plásticas no Brasil e no mundo.

Em 1970 Germain Bazin publicou *O Aleijadinho e a escultura Barroca no Brasil*. Em 1974, Judith Martins lançou o livro *Dicionário de Artistas e Artífices dos Séculos XI III e XIX em Minas Gerais*. Marieta Alves em 1976, publicou na Bahia o *Dicionário de Artistas e Artífices na Bahia*. Em 1977, Clarival do Prado Valladares faz um estudo sobre a obra de Emanuel Araújo no livro *Visão da Terra*.

Na década de 1980 foi acentuado o número de publicações sobre a temática negra no país em virtude do centenário da Escravidão. Neste período que surgiu uma das as mais completas e importantes obras acerca do negro nas artes no Brasil, o livro *A Mão Afro-Brasileira: significado da contribuição artística e histórica*, de Emanuel Araújo (FIG. 02.), decorrente de uma exposição realizada em 1987 em comemoração ao centenário do fim da escravidão no país. Preenchendo uma vergonhosa lacuna da historiografia da arte nacional, *A Mão Afro-Brasileira: significado da contribuição artística e histórica*, a resulta de um laborioso trabalho de pesquisa iniciado pelo mesmo a partir de 1981 acerca do contributo do negro à nação. Trazendo a claro foco a identidade dos artistas negros

brasileiros e suas poéticas visuais, a obra destacando as características formais e estéticas de suas obras, os aspectos sociais, históricos, etnológicos, antropológicos, dentre outros, o livro de Emanuel tornou-se um importante e indispensável referencial teórico para pesquisas acerca desse tema.

Surgem também nesta década, *Arte Negra. Bibliografias*, da Prefeitura de São Paulo em 1980, o livro *História Geral da Arte no Brasil* de Walter Zanini em 1983, apresentando capítulo *Arte Afro Brasileira*, realizado por Mariano Carneiro da Cunha, o catálogo *Artistas da Escultura Brasileira*, em 1986, da Volkswagen do Brasil S.A., a obra de Pietro Bardi *Mestres, artífices, oficiais e aprendizes no Brasil*, em 1981, e a comunicação de Dilma Melo dos Santos apresentada em 1987 no III Congresso Brasileiro de História da Arte, *Arte Africana e sua continuidade na Arte Afro Brasileira*, e *Pintores negros do Oitocentos*, de José Roberto Teixeira Leite em 1888.

Na década de 1990, surgem o catálogo *Pintores Negros do séc XIX*, em 1993, do Governo de São Paulo e o livro *As Influências Africanas nas Artes da Bahia*, de Carlos Eduardo da Rocha, em 1996, na Bahia. Nessa década Emanuel Araujo continuou seu trabalho de pesquisa acerca do rever da memória negra, realizando diversas exposições de grande repercussão nacional e internacional sobre o assunto como *Bahia África Bahia*, *Vozes da Diáspora*, *Os herdeiros da noite*, *Negro de Corpo e Alma*, *Arte e religiosidade no Brasil: Heranças Africanas*, *Face of Gods: art and altars of Africa and African American*, em Nova York, e *Arte e religiosidade Afro-brasileira* em Frankfurt, que também resultaram em importantes catálogos.

A partir do ano 2000 a presença do negro na arte brasileira passou a ser mais discutida devido as comemorações aos 500 anos do Brasil. Surgiram no país importantes publicações, dentre elas, o módulo *Arte Afro-Brasileira. O que é afinal?* de Kabengele Mununga no catálogo *Brasil + 500 Mostra do Redescobrimento*, e na Bahia o catálogo da Portifolium *Bahia Negra: 100 Biografias*, realizado em 2001. Emanuel Araujo, que se manteve nos últimos 20 anos à



Fabio Domingues. EMANOEL  
ARAUJO. 2004. *Coleção Particular*

frente de exposições e publicações sobre o assunto, contribuiu para com o mesmo elaborando também em 2000 os módulos *Arte-Afro-Brasileira* e *Negro de Corpo e Alma*, do catálogo *Brasil + 500 Mostra do Redescobrimento*, também decorrentes de exposições acontecidas anteriormente. Em 2002, resultante da exposição *Para nunca esquecer: Negras Memórias, Memórias de Negros* realizada em 20 de novembro de 2001, Emanuel Araujo publicou um trabalho laureado sobre o artista negro brasileiro intitulado com o mesmo nome da exposição.

Negras Memórias, Memórias de Negros é resultado de várias outras exposições, por exemplo, da Mão Afro-Brasileira, de 1987, da exposição Bahia África Bahia, Vozes da Diáspora, Arte e religiosidade Afro Brasileira e Herdeiros da Noite. [...] exposições que se tocam e vão construindo esse filão pelo qual tenho trabalhado nesses últimos anos. (In: COMICIÊNCIA, 2004).

Em maio de 2005, Emanuel Araujo mais uma vez traz a tona a identidade dos artistas negros ao publicar o catálogo *Brasileiro*.



*Brasileiros*, decorrente de uma exposição homônima ocorrida no Museu Afro Brasil, museu esse realizado por Emanuel em 2004.

Nos últimos anos, apesar das inúmeras mudanças sociais e culturais darem origem a um número mais significativo de bibliografias citando as obras dos artistas negros, ou a cultura negra enquanto objeto de pesquisa, a escassez de publicações e de estudos que abarquem essas questões e que se preocupem em registrar a biografia, a poética visual, a presença e o contributo dos artistas negros à arte brasileira, ainda se faz diminuta e deficiente.

Se por preconceito, discriminação social, ou mero descaso com a significativa colaboração do negro na construção da identidade do país, a presença do artista negro na bibliografia da arte nacional foi por anos sepultada com taciturnidade, houveram também muitos nomes como os supracitados neste artigo, que não foram indiferentes ao contributo desses artistas à arte e a cultura brasileira. Ao se dedicarem a essa causa, eternizando em laudas e em imagens a identidade e a obra dos negros que literalmente suaram e sangraram por esse país, que em cores e formas, em telas e esculturas, cederam a esta nação a sua rica ancestralidade africana, os homens e mulheres que registraram a vida e a obra desses artistas negros na arte brasileira, de maneira meritória adquiriram também fama imorredoura.

Nomes como Emanuel Araújo que se dedica a perpetuar o legado de Manuel Querino que como ele, era negro, artista plástico, formado pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia, nascido na cidade de Santo Amaro da Purificação localizada no Recôncavo baiano, dois eternos apaixonados pela ancestralidade africana, imbuídos no rever desta causa.

Queremos resgatar entre os negros uma certa auto-estima e uma imagem que nos sirva de padrão de orgulho por nossos heróis, que pretendemos nos sejam devolvidos em carne e osso, em sangue e espírito como pessoas reais que puderam até alçar-se à condição de mito, mas

não mais como lendas perdidas numa nebulosa história. (ARAÚJO, 2002, s.p.)

## Referências

- ALVES, Adilson Monteiro. In: GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Pintores Negros do Séc. XIX*. São Paulo: Editora Pinacoteca, 1993.
- ALVES, Marieta. *Dicionário de Artistas e Artífices na Bahia*. Salvador, Universidade Federal da Bahia, 1976.
- ANDRADE, Mario. Aleijadinho e Álvares de Azavedo. Rio de Janeiro: R. A. Editora, 1935.
- AGUIAR, Nelson. *Mostra do redescobrimto: Arte Afro-brasileira*. São Paulo, Fundação Bial de São Paulo – Associação Brasil 500 anos Artes Visuais, 2000.
- ARAÚJO Emanuel. *A Mão Afro-Brasileira: Significado da Contribuição Artística e Histórica*. São Paulo, Tenenge, 1988.
- ARAÚJO, Emanuel. *Para nunca esquecer: Negras memórias / memórias de negros*. Rio de Janeiro, Museu Histórico Nacional, 2002.
- ARAÚJO, Emanuel. In: COMCIÊNCIA. *Arte do negro no Brasil: conscientização e valorização de um grupo étnico*. Nov. 2003. n° 49. Disponível em <<http://www.comciencia.br/entrevistas/negros/emanoel.htm>>. Acesso em: 17 fev.2005.
- ARAÚJO, Emanuel. *Brasileiro, Brasileiros*. São Paulo, Instituto Florestan Fernandes, 2005.
- AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Viagem pelas províncias da Bahia, Pernambuco alagoas e Sergipe (1859)*. Belo Horizonte: São Paulo, 1980.
- BACELAR, Jéferson. *A Frente Negra Brasileira na Bahia*. Afro – Ásia 17. Salvador: Ceao, 1996.
- BRAGA, J.S. Candomblé da Bahia: Repressão e Resistência. In: REVISTA USP. São Paulo: USP, 1993 – Trimestral. *Dossiê Brasil África*, n° 18.
- CARDOSO, Fernando Henrique. *Capitalismo e Escravidão no Brasil meridional: o negro na sociedade escravocrata no Rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.
- CUNHA, Marianno Correia da. Arte Afro-Brasileira. In: ZANINI, W. *História Geral da Arte no Brasil*. São Paulo, Instituto Walther Moreira Salles, 1983.
- FLEXOR, Maria Helena Ochi. *Historiografia das Artes Plásticas da Bahia*. Salvador: Anais do IV Con-

DE QUERINO A ARAUJO: TESTEMUNHO E RESGATE DO  
ARTISTA NEGRO NA HISTORIOGRAFIA DA ARTE BRASILEIRA

gresso de História da Arte da Bahia.

FREIRE, Luiz Alberto Ribeiro. *A Talha Neoclássica na Bahia*. 2000. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Departamento de ciências e técnicas do patrimônio, Universidade do Porto. Portugal: 2000.

GOVERNO DE SÃO PAULO. *Pintores Negros do séc XIX*. São Paulo: Editora Pinacoteca, 1993.

JANSON, H. W. *Iniciação à História da Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LUZ, Marco Aurélio. *Cultura Negra em tempos pós-modernos*. Salvador, EDUFBA, 2002.

LEITE, José Roberto Teixeira. *Pintores negros do Oitocentos*. São Paulo, MWM Motores Diesel: 1998.

MUNUNGA, Kabengele. *Arte Afro-Brasileira - Arte do Redescobrimto*. São Paulo: Fundação Bical de São Paulo, Associação Brasil 500 Anos, 2000.

PORTFOLIUM. *Bahia Negra: 100 Biografias*. Salvador: 2001.

PORTUGAL, Claudius. *Outras cores: 27 artistas da Bahia*. Salvador: Fundação Cultural Casa de Jorge Amado, 1994.

ROCHA, Carlos Eduardo. *As Influências Africanas nas Artes da Bahia*. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 1996.

RODRIGUES, Nima. *As Belas Artes nos Colonos Pretos do Brazil. A Escultura*. Rio de Janeiro: Revista Kosmos, 1904. In: ARAUJO, Emanuel. *Para nunca esquecer: Negras memórias / memórias de negros*. Rio de Janeiro, Museu histórico Nacional, 2002.

SANSONE, Lívio. *O local e o global na Afro-Bahia contemporânea*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, nº 29, 1995

SANTOS, Juana Elbein dos. *Os Nagô e a Morte*. Petrópolis: Vozes, 1984.

SILVA, José Carlos Gomes da; ALCÂNTARA, Ana Paula de Oliveira. *Artes étnicas: um estudo acerca do patrimônio material afro-brasileiro*. In: MEDEIROS, Maria Beatriz. *Arte em Pesquisa: Especificidades*. Brasília: ANPAP, 2004.

SECRETARIA MUNICIPAL DA CULTURA. *Museu Afro Brasil*. São Paulo: 2004.

TOLEDO, Roberto Pompeu de. *A sombra da Escravidão*. In: REVISTA VEJA. São Paulo: Editora Abril, edição 1444, Ano 29 – nº 20, 15 de mai. 1996.

VALLADARES, Clarival do Prado. In: PONTUAL, Roberto. *Visão da Terra*. Rio de Janeiro: Atelier de Arte e edições MG LTDA, 1977.

VERGER, Pierre Edouard Leopold. *Fluxo e Refluxo: do tráfico de escravos entre o Golfo de Benin e a Bahia de Todos os Santos*. São Paulo: Corrupio, 1987.

WEFFORT, Francisco. In: ARAUJO, Emanuel. *Para nunca esquecer: Negras memórias / memórias de negros*. Rio de Janeiro, Museu Histórico Nacional, 2002.

\* Luciana Brito

Mestranda em História da Arte  
Pós-Graduação em Artes Visuais  
Escola de Belas Artes, UFBA. 2006